

TRÊS

GEILSON FERREIRA

TRÊS

Uma viagem inesquecível

Vila Velha/ES
Geilson Ferreira Pinto
2017

Copyright© 2017 by Geilson Ferreira

Todos os direitos dessa edição reservados ao autor

Capa
Geilson Ferreira

Textos e Fotos
Geilson Ferreira
Simony Giuberti
Internet

Revisão e Diagramação
Geilson Ferreira

geilson.ferreira@gmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro)

G399

Ferreira, Geilson

Três: uma viagem inesquecível / Geilson Ferreira
Pinto. Vila Velha: Edição do autor, 2017.

1. Turismo. 2. Incas. 3. Peru. 4. Chile. 5. Neruda.
I. Título.

SUMÁRIO

Apresentação.....	09
Enfim, férias	11
A caminho da Ilha	15

PERU

Atravessando os Andes	27
Cusco	37
Sítios arqueológicos	45
Sacsayhuaman	55
Tambomachay	59
Puka Pukara	63
Q'enqo.....	67
Chincheró, Moray e Maras	77
Moray	85
Maras	89
Monumento Inca Pachacutec	95
Valle Sur: Tipón, Pikillacta e Andahuaylillas	99
Tipón	107
Pikillacta	113
Andahuaylillas	119
Pisac, Ollantaytambo, Águas Calientes	127
Vale Sagrado dos Incas	133
Ollantaytambo	147
Rumo à Machu Picchu	167
Machu Picchu: a cidade perdida dos Incas	171

Rumo ao Titicaca	193
Puno	199
Lago Titicaca: Islas Uros e Taquile	203
Taquile	215
Good by, Peru	227

BRASIL

Rio de Janeiro	241
Paraty: a cidade das ilhas	245

CHILE

Rumo ao Chile	273
Santiago	281
Concha y Toro, Cerro Santa Lucia	287
O litoral chileno	301
Viña del Mar	305
Valparaíso	325
A tragédia no Vale do Rio Doce	339
Isla Negra	345
Conhecendo Santiago	353
Parque Metropolitano de Santiago	359

Hasta luego	367
-------------------	-----

APRESENTAÇÃO

Imagine como seria se pudéssemos relembrar os bons momentos que tivemos a oportunidade de desfrutar em nossa passagem pela terra. Cada abraço carinhosamente recebido, as comemorações em família, as festinhas com os amigos, aquele beijo apaixonado, o casamento, os primeiros passos do filho, etc.

Infelizmente, nossa memória, assim como tudo na vida, se deteriora com o passar dos anos e esses momentos tão preciosos vão se perdendo. Acabam esquecidos no fundo de um grande baú chamado memória. É claro que fotografias, relatos e até músicas despertam flashes desses instantes, contudo, nem sempre tão nítidos como gostaríamos.

Foi pensando nisso que surgiu esse livro. Cada palavra aqui grafada tem a função de reascender a chama da memória num futuro próximo. Quando as lembranças de cada momento vivido em três semanas fora de casa forem se perdendo, teremos as páginas dessa publicação para recordar-nos dos prazerosos dias vividos na primeira viagem de férias que tivemos a oportunidade de fazer.

Consequentemente, essa publicação também servirá como uma espécie de guia turístico para quem deseja aproveitar para conhecer os três maravilhosos lugares em que estivemos: Peru, Chile e Rio de Janeiro. Em cada lugar é possível encontrar um atrativo específico, sobretudo para quem deseja fazer turismo histórico.

A escolha do título leva em consideração alguns aspectos dessa gostosa aventura. Primeiro: estivemos em três países (Peru, Chile e Brasil). Mesmo sendo brasileiros, incluo nosso país na lista, já que visitamos uma região que, até então, desconhecíamos.

Segundo: no Peru, visitamos três grandes regiões (*Cusco*, *Puno* e *Machu Picchu*). Cada região abrange uma série de sítios históricos dos *Incas*, como poderá perceber durante a leitura. Terceiro: os *Incas* acreditavam numa trilogia de animais (a serpente, o condor e o puma) cada um seria uma espécie de guardião, como também poderá conferir durante a leitura.

E o número três não nos abandonou nem no retorno ao Brasil. No Rio de Janeiro, fomos “forçados” a ficar três dias em Paraty. Não por escolha nossa. Mas, por causa de um feriado que nos impediu de embarcar antes para o Chile. É claro que aproveitamos cada um desses dias da melhor maneira possível.

Já na terra de Neruda, visitamos três regiões: (Santiago, Valparaíso, que inclui Viña del Mar, e Isla Negra). Também visitamos três casas do poeta Pablo Neruda, experimentamos três tipos de vinho na viña Concha y Toro e, por fim, pegamos três voos para voltar para casa. Ou seja, o número três não nos abandonou.

Acredito que não preciso explicar o porquê de dizer que a viagem foi inesquecível. Mas, na dúvida, não se acanhe, deguste cada página dessa gostosa viagem e, se o desejo de partir por esse caminho surgir, não pense duas vezes.

A vida é curta demais para deixar que o tempo passe e o desejo seja apagado pelo medo ou pela covardia.

Boa viagem!!!!

ENFIM, FÉRIAS



A ansiedade e a expectativa consumiam-nos dia após dia. Tivemos que nos preparar para que nada saísse diferente do que havia sido planejado. Naquela manhã chegara o tão esperado dia. Estávamos no aeroporto, apenas aguardando autorização para o embarcar no voo. Era o primeiro passo para uma viagem que se tornaria inesquecível.

É claro que toda a nossa felicidade não suprimia a preocupação de que tudo desse certo. Preocupação que tem justificativa: quem pretende ir para fora do Brasil tem que ficar atento a uma série de detalhes. Caso contrário, há grandes possibilidades de a viagem ser frustrante.

Não foi nosso caso, ainda bem!! Mas, isso só não aconteceu devido ao tempo que dedicamos para pesquisar tudo

sobre os locais aos quais visitaríamos. Informações básicas, como temperatura, transporte, alimentação, hospedagem e dicas de outros turistas fizeram toda a diferença. Definir o roteiro que iríamos seguir nos próximos dias demonstrou-se de fundamental relevância para que não perdêssemos tempo e pudéssemos visitar praticamente todos os locais que havíamos planejado.

A expectativa era visível em nossos olhos. Nesse momento estávamos um pouco mais aliviados. Havíamos embarcado em dois ônibus – carregando duas malas, de aproximadamente 15 quilos cada – e ainda conseguimos fugir do horário de trânsito intenso a caminho do aeroporto. Para a nossa sorte, os coletivos estavam vazios e conseguimos chegar no horário programado. Ufa! Era o universo conspirando em nosso favor.

No dia 04 de novembro de 2015, às 10h, começava a nossa tão esperada viagem. O voo JJ3199, da TAM Airlines¹, decolava rumo ao Rio de Janeiro. Em nosso roteiro, os mistérios e beleza das cidades de *Cusco*, *Puno* e *Macchu Picchu*, no Peru, além do charme de *Santiago*, *Valparaíso*, *Viña Del Mar* e *Isla Negra*, no Chile. Dedicamos nove dias aos Andes peruanos, três para fugir do frio, na histórica Paraty, no Rio de Janeiro, e para fechar com chave de ouro, mais uma semana para apreciar as delícias chilenas. No entanto, este é apenas um pequeno aperitivo de tudo o que curtimos em tão memoráveis dias.

Quer nos acompanhar nessa viagem? É só virar a página...

¹ Atual **LATAM Airlines Brasil**, conforme site da empresa: <<https://www.latam.com>> acesso em 26 de junho de 2016, às 09h26.

TRÊS

Uma viagem inesquecível



Rio de Janeiro
BRASIL



A CAMINHO DA ILHA

Era uma manhã ensolarada em Vila Velha, cidade vizinha à capital do estado do Espírito Santo, no sudeste do Brasil. Os primeiros raios de sol invadiam a janela do quarto, na Praia de Itaparica. A claridade e a ansiedade para começar logo aquele dia, fizeram-me despertar antes mesmo do que havia planejado. Ainda estava na cama, ao lado de minha namorada Simony Giuberti, quando observei pela janela que algumas nuvens davam um toque de charme ao imenso tapete azul que se estendia sobre nós.

O movimento já era intenso, algo comum para uma típica manhã de quarta-feira. Carros, ônibus, motos regiam a detestável orquestra do dia-a-dia. Várias pessoas preferem antecipar suas jornadas para evitar o intenso trânsito na ponte que liga Vila Velha e Vitória: a Terceira Ponte.

O horário que temos que chegar ao trabalho todos os dias não nos permite tomar café da manhã em casa. Geralmente, fazemos nossa primeira refeição em uma padaria, próxima à Divisão de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), delegacia para a qual seguimos todas os dias em busca de informações acerca dos crimes que acontecem durante a madrugada. Somos jornalistas e nosso trabalho é fazer reportagens relacionadas às ocorrências policiais em território capixaba.

Neste dia, porém, nossa rotina foi diferente, para o meu alívio. Enquanto Sy preparava o café, fui até a padaria e voltei com um pacote de pães quentinhos, queijo e presunto fatiados.

Tivemos tempo de tomar nosso café da manhã tranquilamente. Depois, nos preparamos para seguir rumo ao Aeroporto Eurico de Aguiar Salles, em Vitória.

Ainda faltava bastante tempo para o nosso voo, mas estávamos preocupados com a possibilidade de algo dar errado. Um acidente na ponte, por exemplo, faz o trânsito dar um verdadeiro nó. Um protesto, algo que tem se tornado bastante comum em nossa região, ou qualquer outro empecilho, poderia trazer uma dor de cabeça desnecessária.

A distância entre nosso bairro e o aeroporto é considerável, o que não tornava viável um deslocamento de táxi. Assim, optamos por fazer o trajeto de ônibus. Por isso, teríamos que sair mais cedo. Escolhemos seguir para o terminal de transporte urbano do bairro onde moramos, que fica há cinco minutos de nossa casa. Lá teríamos a opção de não embarcar em coletivos lotados, uma tentativa de facilitar o transporte das malas pesadas.

Depois de um revigorante banho era hora de tomar as providências para deixar a casa mais segura: trancar janelas, registro de gás, desligar as tomadas, etc. Achei melhor desligar a internet também, vai que alguém descobre a senha e fica usando. Neuras de jornalistas que cobrem assuntos relacionados à criminalidade. Depois da certeza de que tudo estava devidamente seguro, pegamos a mala e seguimos para o ponto de ônibus.

Algumas das calçadas pelas quais tivemos que passar em nosso bairro estavam irregulares. Um contraste com os luxuosos edifícios sendo levantados diante delas. Os buracos poderiam danificar as rodinhas das malas, o que as deixariam mais pesadas. Assim, peguei-as pelas alças e carreguei cada uma delas em uma

mão. Sy, como carinhosamente chamamos minha namorada, ficou preocupada com o peso e se ofereceu para ajudar. Mas, estávamos muito perto do ponto e preferi poupá-la do esforço. Logo que chegamos, o coletivo para o terminal se aproximou e embarcamos sem muita dificuldade.

É lógico que, nesse horário, o ônibus não estava vazio. Subi com as malas pela porta do meio, graças à ajuda de alguns passageiros. Sy pagou as passagens. Observei que o fato de transportar malas no transporte público, em pleno o meio da semana, nos transforma em uma espécie de "ET" (extraterrestre). Pelo menos foi assim que me senti ao perceber que várias pessoas nos observavam, tanto no ônibus, quanto no terminal.

Ficamos contentes quando chegamos ao terminal e nos deparamos com poucas pessoas na fila no embarque. Para a nossa sorte, o coletivo não demorou. Mesmo assim, infelizmente não consegui um lugar para sentar. Porém, fiquei confortavelmente em pé, escorando as malas com as pernas. Sy conseguiu se sentar um pouco afastada de mim. Mas, durante o trajeto, trocávamos olhares e ficávamos “viajando” mentalmente. Eu não conseguia imaginar como seriam os próximos dias.

Apesar de ter 30 anos de idade, na ocasião, era a primeira vez que viajaria para fora do país. Nasci em Vila Velha e só havia tido oportunidade de viajar para estados vizinhos ao Espírito Santo, como Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo.

Antes, a dificuldade financeira, aliada ao meu medo de não conseguir me comunicar em outro idioma, impediam-me de atravessar a fronteira. Medo descabido, como perceberia posteriormente.

Quando passamos pela ponte, observei pela janela do ônibus algumas das belas paisagens que temos em nosso estado. A cadeia de rochas batizada de Mestre Álvaro, na cidade de Serra; o Convento da Penha, principal templo religioso dedicado à padroeira do Espírito Santo; a Baía de Vitória e seus portos movimentados com o entra e sai dos grandes navios, etc.

Contudo, antes de percorrer os cerca de três quilômetros da ponte, também reparei como Vitória, assim como inúmeras capitais brasileiras, é tão desigual. Seus contrastes sociais são tão gritantes. Um exemplo disso são os grandes edifícios, à beira mar, que escondem parte das humildes casinhas no alto dos morros. Apesar de passar por esse mesmo trajeto todos os dias, fui mentalmente transportado à outra época, tempos em que eu observava a cidade lá de cima, no alto do Morro Jaburu, na capital do estado.

Olhei para o imponente maciço central, uma grande rocha, batizada de Morro das Antenas – no meio da ilha de Vitória – onde ficam instaladas as torres de transmissão das emissoras de TV e rádio da Região Metropolitana da Grande Vitória. Naquele momento, pensava em como nossa região é bonita, porém com um turismo pouco divulgado e explorado. Algo muito diferente dos lugares aos quais pretendíamos visitar.

Consegui um lugar para sentar-me quando estávamos no meio do caminho para o aeroporto. Mesmo adiantados, estávamos preocupados com os minutos que levaríamos para chegar até lá, o tempo parecia passar rápido. Só quando percebermos que faltava pouco para chegarmos foi que conseguimos relaxar.

Descemos do ônibus dez minutos depois, faltando cerca de uma hora para o embarque. A cada minuto que passava, o calor parecia ainda mais intenso. Com passos apressados, passamos pelo estacionamento, entramos no saguão de embarque e fomos direto despachar as malas. Aí surgiu a primeira grande preocupação: qual seria o peso delas? Até então, não tínhamos a menor noção do quanto pesavam. Chegamos a sugerir que cada uma teria cerca de 20 quilos. O alívio veio quando vimos no painel da balança do guichê pouco mais de 15 quilos cada.

Seguimos para a sala de embarque e, depois da correria, tivemos um momento de descontração. Enquanto esperávamos, fizemos algumas selfies, atualizamos as redes sociais e, logo estávamos na fila de embarque rumo à cidade do Rio de Janeiro.

O voo saiu no horário previsto de “Vitorinha” – como chamamos carinhosamente nossa “Ilha do Mel” – e durou cerca de uma hora. Nosso destino, na cidade maravilhosa, era a Ilha do Governador. O bairro fica um pouco mais afastado do Centro do Rio, mas está perto do aeroporto internacional, onde precisaríamos estar no dia seguinte.

Durante o voo, observamos as cidades lá embaixo. Enquanto isso, eu imaginava a rotineira correria do dia-a-dia. Confesso que senti um alívio por estar no alto, longe dessa agitação. Sy ficou quietinha, até cochilou um pouco no meu colo. Estava com sono por ter acordado cedo. As nuvens carregadas no céu carioca chamaram nossa atenção antes do pouso. Mas, isso não foi o bastante para tirar nosso entusiasmo com a viagem.

Passamos por aquele cansativo ritual de pegar as malas e seguimos para a saída do Aeroporto Santos Dumont, esse no

Centro do Rio. Já havíamos reservado uma hospedagem meses antes. Um local apenas para passarmos a noite, já que seguiríamos cedo para o Peru no dia seguinte. A expectativa era grande, porém ainda faltavam várias horas para o voo até Lima.

Decidimos pegar um táxi até a Ilha do Governador. Com celular na mão e o GPS ligado, acompanhamos cada rua pela qual o taxista passava. A desconfiança não era por causa do profissional, em si. Talvez uma preocupação em não ser passado para trás, já que, alguns deles escolhem o caminho mais longo para ganhar mais pela corrida caso o visitante não conheça a cidade. Não foi o nosso caso. Apesar do trânsito agarrado na entrada da Ilha, chegamos rápido ao destino, graças à Deus!!

Para a nossa surpresa, a hospedagem que reservamos era no terceiro andar de um prédio simples, em uma rua próxima da principal do bairro. Sem problemas... se o imóvel tivesse elevador. Não tinha. Mas, estávamos de férias. Qual o problema de subir alguns degraus com as malas? Foi o que fizemos. Claro que cheguei lá em cima exausto, sem fôlego. A Sy ficou toda preocupada, perguntava-me se eu queria parar para descansar. Mas, subi tão rápido que nem a respondi... queria mesmo era me livrar das malas pesadas.

Lá em cima descobrimos que a hospedagem era, na verdade, o quarto de um apartamento onde morava um casal. Não nos importamos muito com isso, já que ficaríamos ali pouco tempo. A proprietária foi bastante atenciosa. De imediato, mostrou-nos onde ficava a cozinha e o banheiro. Nos deixou bem à vontade. Descansamos um pouco, tomamos um banho e decidimos sair para almoçar.

Uma dica: a Ilha do Governador é um bairro essencialmente residencial. Na principal avenida só encontramos duas padarias, alguns bares bem simples, uma banca de revistas e dois supermercados. Fomos caminhando até a praia para ver o que mais poderíamos fazer para aproveitar melhor o dia. O trajeto não foi tão longo, cerca de 30 minutos, ou um pouco mais. No caminho encontramos casas lindas, vários apartamentos à venda e nossa tentativa de fugir do sol, que decidiu sair de trás das nuvens, com seus quase 40 graus.

Chegamos à praia e paramos num bar. Lugar bonito, agradável, com uma linda vista para a Baía de Guanabara. Porém, o preço não era nada atraente. Pedimos dois chops e alguns pasteis enquanto aproveitávamos, aliviados, as primeiras horas de férias. Mas, precisávamos economizar para os próximos dias. E, como o bar não tinha a marca de cerveja que apreciemos, decidimos ir para outro lugar que fosse economicamente mais viável.



Foi preciso passarmos por uns quatro ou cinco quiosques até, finalmente, encontrarmos um que tinha a bendita cerveja. Paramos no quiosque e ficamos boa parte da tarde batendo papo, tomando cerveja e curtindo a bela paisagem de frente para o mar. Os assuntos não tinham nada a ver com trabalho, óbvio. Observamos o trânsito intenso na ponte Rio-Niterói, as indústrias ali perto, e a constante movimentação de ônibus no bairro. Uma tarde daquelas que não se consegue ter com muita facilidade já que, na nossa profissão, às vezes temos a sensação de que a notícia está sempre a nos perseguir. Mas, nesse dia nos desligamos do mundo. Fiquei imaginando a vida das pessoas que têm esse tipo de rotina todos os dias. Algo chato, né?! Ironia minha, lógico.



A tarde tranquila terminou com “croquetes do Alemão” – um tira-gosto saboroso e com um preço justo, o qual fizemos questão de experimentar – e mais uma caminhada de volta rumo à hospedagem. Antes, porém, nos permitimos parar em uma padaria para experimentar alguns doces. Depois seguimos para o quarto onde

nos entregamos a mais algumas horas de descanso.

Depois de um sono gostoso, no quarto com ar condicionado, despertamos surpresos com uma chuva forte,

embalada ao som de raios e trovões. Confesso que sou apaixonado por esse tipo de chuva, onde a natureza demonstra sua força. A Sy nem tanto.

Esperamos cerca de uma hora, talvez pouco menos, até a chuva parar.

Estávamos com fome e, se não comêssemos nada naquela noite, não teríamos a chance de fazer uma refeição tão cedo. Afinal, o voo para o Peru era



cedo, por volta de 6h30. Era preciso chegar duas horas antes no aeroporto e, não teríamos tempo para tomar café da manhã.

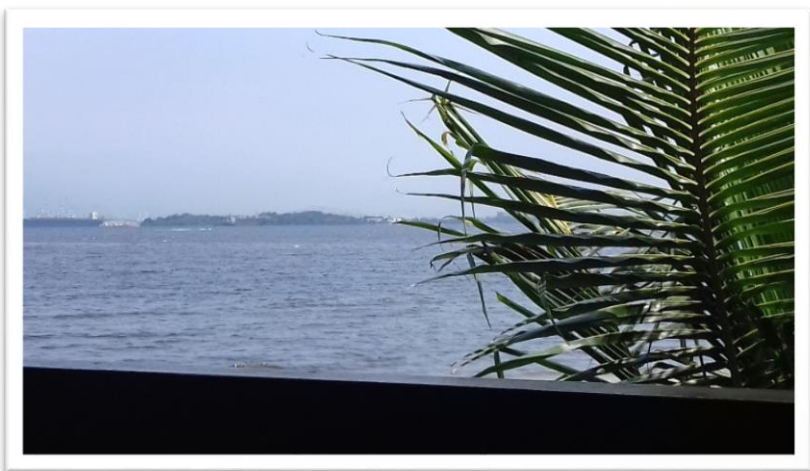
Para nossa sorte, perto da nossa hospedagem havia uma banca de massas, montada numa pracinha. Resolvemos ficar ali mesmo. Contudo, bastou sentarmos para o pé d'água despencar. Protegidos por um guarda-chuva gigante, olhamos o cardápio. Sem hesitar, pedi logo uma lasanha. Amo massas!!!. Depois de alguns minutos veio um prato de dar “água na boca”, cheio de queijo derretendo e bastante generoso, por sinal. Sy preferiu experimentar um nhoque que, segundo ela, também estava gostoso. Até provei alguns do prato dela.

Comíamos tranquilos até que um maldito rato apareceu entre algumas flores da praça, e atrapalhou nossa refeição. Ficamos incomodados com a presença do roedor abusado – que cada vez chegava mais perto – e aproveitamos os poucos minutos

em que a chuva deu uma trégua para voltarmos para nosso quarto temporário.

Assim que chegamos, tomamos mais um banho, ajeitamos tudo e fomos dormir, ou melhor, tentamos dormir. A ansiedade era grande demais para relaxarmos. A cabeça no travesseiro não parava de pensar em como seria o dia seguinte. Estávamos preocupados em dormir demais, perder o voo, sei lá... Ainda tínhamos que fazer o *check in*, despachar as malas, etc. Todavia, de nada adiantaria ficar pensando nisso a noite toda. Assim, nos esforçamos e conseguimos dormir um pouco.

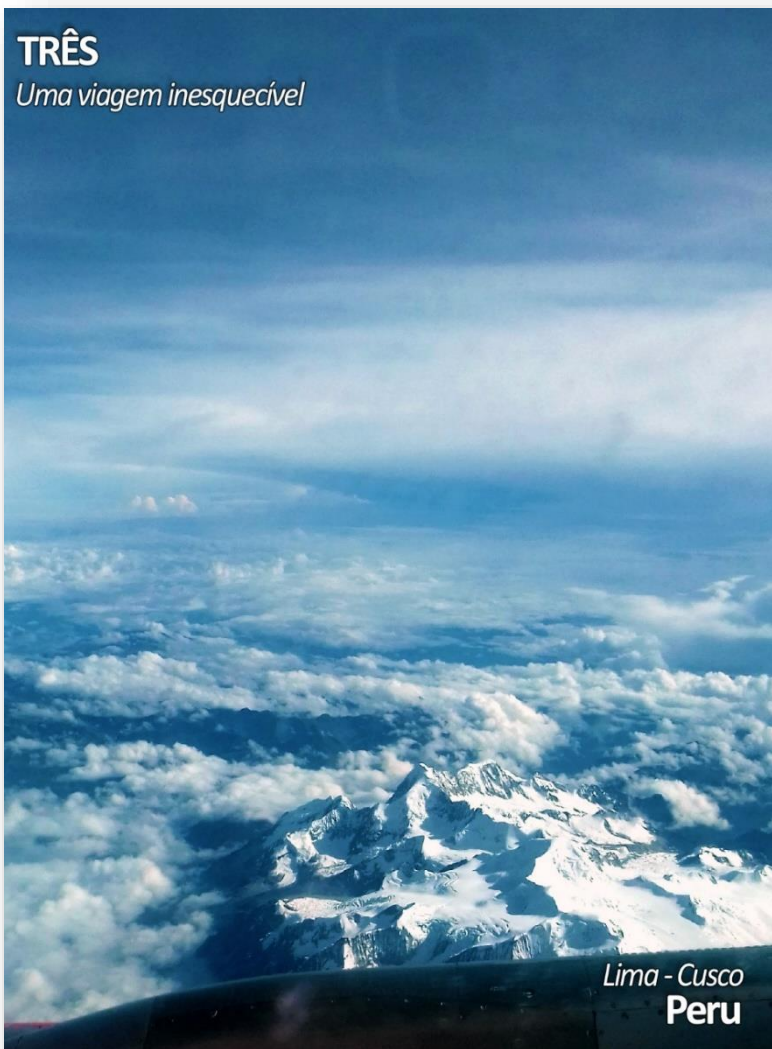
Confesso que já tive melhores noites de sono. Para falar a verdade, acredito que mal conseguimos fechar os olhos. Mesmo assim, aquele primeiro dia de férias, na bela Ilha do Governador, foi perfeito. Nada poderia tirar o brilho das horas que passamos juntos. É claro que coisas muito melhores ainda estavam por vir.

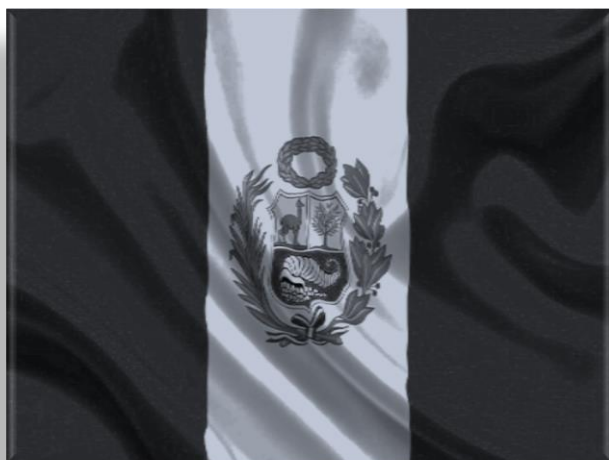


TRÊS

Uma viagem inesquecível

Lima - Cusco
Peru





ATRAVESSANDO OS ANDES

A rua estava silenciosa, quase nenhum movimento. O sol continuava escondido, afinal, ainda eram quatro e meia da manhã. Na agitação de pegar as malas, chamar o taxi e correr para o Aeroporto Internacional Tom Jobim – mais conhecido como Galeão – no Rio de Janeiro, até esqueci que naquele dia estava completando mais um ano de vida.

Chegamos rápido ao aeroporto, cerca de dez minutos ou menos. Também não demoramos para encontrar o guichê da Avianca, companhia aérea com a qual seguiríamos para Lima, no Peru. Interessante foi que, assim que chegamos na fila, não foi difícil diferenciar os turistas, como nós, e os peruanos que esperavam para despachar as malas. Os traços característicos do povo andino, como cabelos lisos e pretos, rosto semelhante aos indígenas brasileiros, além do idioma, são evidentes.

Nosso único contratempo antes de embarcar foi um detalhe que não pode ser esquecido ao fazer viagens internacionais: nunca leve itens de higiene pessoal, como shampoos, creme dental, desodorantes ou qualquer coisa parecida, na bagagem de mão. Tudo isso deve ser colocado na mala. Soubemos disso apenas na hora de despachar as malas. Transferimos tudo rapidamente e, resolvido o problema, fomos para o saguão de embarque.

Ansiedade, medo, inquietação... o que você sentiu quando fez a sua primeira viagem internacional? Confesso que senti tudo isso e mais um pouco. Olhava para os lados e via pessoas

conversando em inglês, espanhol, até japonês!! Posso parecer interiorano nesse momento, não ligo. Tudo era muito empolgante.

Falar em espanhol não seria tão complicado para mim. Tive um contato básico com o idioma na escola. Mesmo assim, estava um pouco apreensivo. Enquanto esperávamos o embarque, os tripulantes passaram com seus uniformes alinhados, um exemplo de elegância. Não demorou muito para o painel indicar embarque do voo AV837, da Avianca, com destino à capital peruana, Lima. Mais uma vez, encaramos o enfadonho procedimento de embarque ainda mais ansiosos.

Algo bastante curioso é que o embarque foi encerrado cerca de dois minutos antes da hora marcada para a decolagem. Mas, por incrível que pareça, deu tudo certo e não houve atrasos. Pontualmente, às 6h30, a aeronave cortava as nuvens que cobriam a cidade maravilhosa em direção à Cordilheira dos Andes.

A interminável subida nos impressionou. Parecia que estávamos numa nave espacial decolando rumo ao universo. Não paramos para calcular, mas, a impressão que tivemos foi de que levamos uns dez ou quinze minutos só subindo. Assim que a aeronave ficou na posição horizontal, teve início o serviço de bordo. Não era só um café da manhã, era praticamente uma refeição completa, com direito a uma deliciosa omelete, batata cozida, pão, suco, um pedaço de bolo, geleia e biscoito. Tomamos nosso café, ou melhor, tomei o meu e ainda aproveitei uma parte que minha gata não conseguiu comer.

Depois, Sy aproveitou para descansar enquanto eu fiquei olhando para o “nada”, extasiado com a viagem. Foram cerca de três horas e meia observando a imensidão celeste pela pequena

janela da aeronave, enquanto ela acordava vez ou outra e tentávamos imaginar por onde estávamos passando.

Já estávamos cansados após ficar tanto tempo sentados. Foi nesse momento que olhamos pela janela e vimos alguns lagos. Não sabíamos se estávamos passando pelo interior do Brasil, ou pela Bolívia, apenas observamos tudo com muita empolgação. Não durou muito. Logo as nuvens cobriram nossa vista e a claridade do sol nos obrigou a fechar a janela por um tempo. Como diz o ditado, “alegria de pobre dura pouco”.

No meio do trajeto, recebemos um formulário de declaração de bens do que estávamos levando. Claro que foi impossível não ser irônico quando vimos um campo que deveria ser indicado caso o passageiro estivesse levando mais de dez mil dólares em espécie. Obviamente, não era o nosso caso.

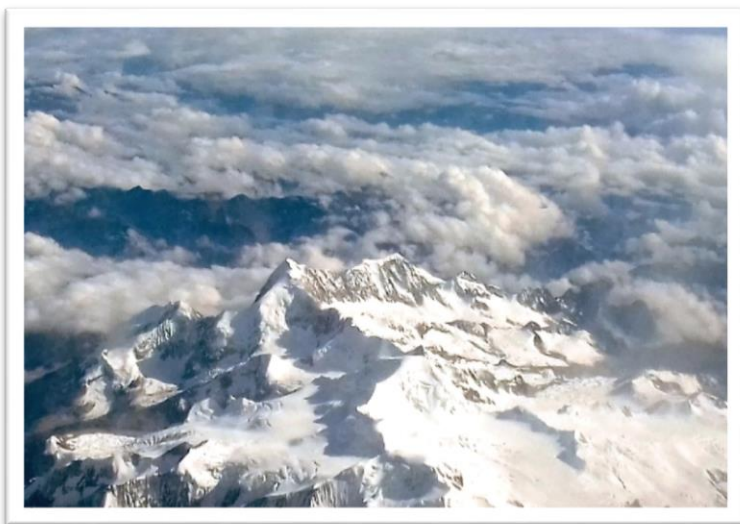
Faltava pouco para chegarmos ao primeiro destino. Sabíamos disso pelo tempo previsto de viagem entre Rio de Janeiro e Lima, algo em torno de cinco horas. Porém, até então não víamos, nem de longe, as montanhas congeladas dos Andes. É claro que ficaríamos frustrados se perdêssemos a passagem pelas Cordilheiras.

Mas, foi só comentarmos e lá estavam elas, as montanhas cobertas de gelo. Linda paisagem!! Não me atrevo a descrevê-las. A comissária de bordo informava em espanhol, inglês e português que era proibido usar telefone celular durante o voo. Mas, é claro que 99% dos passageiros ignorou os avisos, pegou o telefone e garantiu a tão esperada foto.

Uma não, várias!!! Sy também não perdeu tempo e tentou achar o melhor ângulo para garantir nossa primeira recordação.

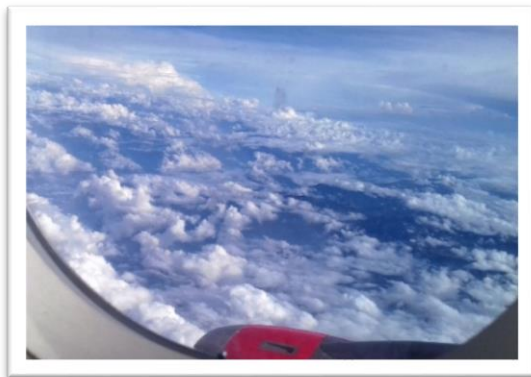
Pena que tudo passou rápido e logo ouvimos a voz do comandante dizendo:

"Senhoras e senhores passageiros, logo estaremos aterrissando no Aeroporto Internacional Jorge Chávez, na cidade de Lima, no Peru. A temperatura local é de 19 graus e o tempo é nublado"



Lá em cima, há mais de quatro mil metros de altitude, conseguíamos ver alguns pontos brilhando no alto da montanha. Sobrevoamos casas isoladas, caminhos inimagináveis. Já estava querendo saltar de paraquedas e chegar logo em *Cusco*, e olha que nem conhecia a cidade. Mas, ainda teríamos que descer em Lima, esperar algumas horas e embarcar para a capital do antigo Império *Inca*.

Que espetáculo de paisagem!!! Não demorou muito para avistamos as águas do Oceano Pacífico. Lá embaixo, em meio às



nuvens, estavam os navios que esperavam para atracar no porto de Lima. Tive a impressão de que a aeronave deu umas cinco ou seis voltas em círculos para conseguir

perder altitude. Só depois de uns dez minutos comecei a ver parte da cidade.

O Aeroporto Internacional Jorge Chávez não fica na capital peruana. O terminal está instalado na cidade de *El Callao* ou *Callao*, na costa do Pacífico – onde também fica o principal porto do país - há cerca de dez quilômetros de Lima. Vimos toda a movimentação dos operários pela janela da aeronave. Trabalhadores do porto, caminhões para lá e para cá, parecia um formigueiro. O tempo nublado dava um charme à mais para a agitação. Percebi que o solo tinha uma cor avermelhada, como se fosse terra batida.

À medida que íamos nos aproximando do chão, observei que havia muitas casinhas nas proximidades do aeroporto. Moradias simples, sem reboco, num cenário que me lembrava – por causa da predominante cor de barro – alguns países do Oriente Médio. Fiz uma viagem mental enquanto observava o mar, as

águas geladas do Pacífico. Nunca imaginei que um dia teria a possibilidade de ir tão longe da minha pequena “Vitorinha”.

Não vou negar que, na minha opinião, a descida demorou horrores. Parecia que nunca mais íamos sair do meio das nuvens. Contudo, quando pensei que faltava muito para aterrissar, já estávamos praticamente em solo. Uma manobra feita com excelência pelo comandante, afinal, eram tantas nuvens que nada se via até chegar perto do chão.

Tivemos que esperar na pista do aeroporto por alguns minutos. Segundo o comandante, não havia vaga para o avião estacionar. Enquanto esperávamos para esticar as pernas – algo mais que desejável após cinco horas de voo – observamos o trabalho dos funcionários que retiravam as malas da aeronave. Ficamos preocupados com a falta de cuidado deles ao colocarem as bagagens nos carrinhos que as levariam até as esteiras.

Enfim, autorizados a desembarcar, passamos pelo rito de imigração e corremos para retirar as malas. Não dava para perder tempo, já que o voo para *Cusco* sairia em pouco mais de uma hora. Uma coisa é certa: nada se compara à aflição de quem espera pela chegada da mala na esteira de um aeroporto internacional. O medo de as bagagens serem extraviadas, de ficar só com a roupa do corpo em um país desconhecido, a terrível sensação de que isso poderia acontecer é de arrepiar. Graças à Deus não tivemos essa má sorte.

Depois de algum tempo esperando, minha mala surge na esteira. Que alívio!!! Daí, em menos de um minuto outra preocupação: e se a mala estiver danificada? e se foi violada? Ufa! Tudo certo.

Infelizmente, a Sy não teve a mesma sorte. Quando a mala dela surgiu ficamos aliviados. Porém, assim que a pegamos, notarmos uma série de estragos, principalmente na parte de trás. Lógico que a Sy ficou extremamente chateada e fez o que deveria fazer: foi até o balcão da companhia aérea para reclamar.

Depois de ouvir tudo o que ela tinha para falar, o funcionário da companhia aérea orientou-nos a buscar ajuda com outra pessoa. Àquela hora, confesso que já estava preocupado com a demora e a possibilidade de perdermos o outro voo.

Em inglês, “portunhol”, gestos e também muito chateada, Sy explicava que a mala era nova, usada pela primeira vez, e que não ficaria com o prejuízo. Foram quase vinte minutos de negociação. Só depois disso o funcionário ofereceu cerca de vinte dólares pelo estrago. Mesmo contrariada, ela aceitou o valor só para se livrar de vez da chateação.

Resolvido o problema da mala, hora de correr para o balcão da Avianca novamente. Era preciso redespachar as bagagens para *Cusco*. Tudo muito rápido, tanto que nem vi o momento em que a Sy pegou a indenização pelo estrago na mala. Então, partimos para a sala de embarque onde teríamos que aguardar pelo próximo voo rumo à *Cusco*, antiga capital do Império *Inca*.

Depois que baixou a adrenalina, enquanto esperávamos sentados no salão de embarque, observamos a agitação de algumas pessoas. Um homem falava ao telefone, num tom de voz tão alto que, era impossível passar despercebido. Não fiz questão de entender o teor do que ele dizia. Acredito que falava com

algum familiar. Percebi que outras pessoas naquele salão também falavam da mesma forma.

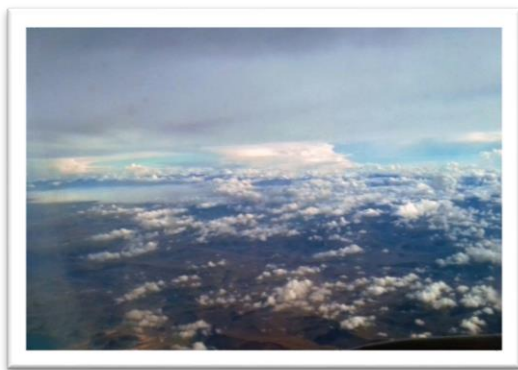
Um grupo de jovens peruanos estava super empolgado. Esperavam na fila, todos uniformizados, falando sobre a viagem que fariam pela primeira vez. Não os observamos muito porque a Sy começou a sentir frio e decidimos caminhar um pouco para ver as lojas no aeroporto. Olhamos chaveiros, camisas, bonés, livros e revistas – tudo com alguma referência aos *Incas* – e algumas bolinhas magnéticas, com as quais era possível formar desenhos quando manuseadas.

Ficamos um bom tempo nas lojas e, preocupados com o horário do voo, voltamos para a sala onde estávamos. Para nossa surpresa, a companhia aérea mudou o portão de embarque e não informou nos painéis do aeroporto e nem no alto falante. Tudo bem, estávamos de férias, não queríamos nos chatear. Fomos para o portão correto, embarcamos e esperamos a decolagem.

O voo estava lotado. Muita gente indo para *Cusco*, inclusive o grupo de jovens que, animado, não parava de falar. Inconscientemente, optamos por não tirar fotos. Acho que estávamos demasiado ansiosos que queríamos mesmo era chegar logo.

À medida que o avião começou a percorrer a pista de decolagem, observei que outras aeronaves estavam estacionadas na pista lateral. Algumas de uso militar, muito bonitas, por sinal. Minha atenção logo mudou quando os jovens começaram a gritar em tom de brincadeira. Era o primeiro voo deles. Alguns ironicamente diziam que o avião ia cair. Acho que foram repreendidos, pois, logo ficaram quietos.

Pela segunda vez, a altura que a aeronave precisava atingir para sobrevoar na região dos Andes impressionou. Contudo, depois de algum tempo a gente meio que se acostuma. A vista lá do alto é de encher os olhos. Picos congelados, lagos cercados de montanhas, trilhas admiráveis e algumas casas com um curioso



telhado metálico, que reflete a luz do sol e gera um ponto brilhante no meio do “nada”.

Enquanto olhava pela janela, lembrei das aulas de Geografia, no Ensino Médio.

Quando os professores falavam sobre a Cordilheira dos Andes, jamais imaginei que houvessem tantas maravilhas lá no alto. A cada “olhada” para fora, lá estava um pequeno vilarejo, uma cidadezinha ou uma linda paisagem.

Faltando pouco para chegarmos, passamos por uma pequena turbulência. Nada demais, só acabamos ficando sem o serviço de bordo, que foi interrompido por causa do balaço da aeronave, não sendo retomado posteriormente.

E foi justamente nesse momento que a fome começou a apertar. No entanto, não tínhamos trocado o dinheiro brasileiro por moeda local. Preferimos fazer isso em *Cusco* para não correr o risco de levarmos prejuízo com as tarifas de câmbio. A consequência foi ficar várias horas sem ter como comprar um

lanche. O que salvou nosso dia foi o farto café da manhã entre o Rio de Janeiro e Lima.

Passados os momentos de turbulência, voltei a observar pela janela. Tentava imaginar como seria morar no alto da montanha. Como se deslocavam, como eram as cidades, o dia-a-dia das pessoas. Sy prestou atenção nas ruínas espalhadas pelas cidades. Ela já começava a sonhar com *Machu Picchu* e estava visivelmente empolgada.

Estávamos quase chegando. Mas, diante da expectativa e da euforia, mal nos demos conta de que a aeronave estava descendo. Quando vi o aeroporto lá embaixo, percebi que em alguns minutos estaríamos na tão sonhada *Cusco*.

Pouco a pouco a aeronave descia e pude ver praticamente toda a cidade rodeada pelas montanhas. Assim como em *El Callao*, as casas têm uma cor meio marrom, cor de terra mesmo. Fiquei encantado com todas aquelas moradias. Afinal, nunca imaginei que tanta gente morava nos Andes.

Fiquei um bom tempo observando e pensando em como seriam os dias naquela mística cidade. Os lugares que visitaríamos, toda a cultura e histórias sobre a antiga civilização *Inca*, as comidas e também a comunicação em outro idioma. Dava um friozinho na barriga só de pensar.

Meus pensamentos foram interrompidos quando percebi que já estávamos pousando no aeroporto Internacional *Alejandro Velasco Astete*, em *Cusco*, por volta de meio dia, no horário local.

CUSCO

“Primeiro dia em Cusco. Muito frio, muito chá de coca e alguns sintomas do “Mal da Altitude” (pra mim, o GG é bem resistente). Conhecemos um pouco da praça principal da cidade, pesquisamos pacotes turísticos para Machu Picchu. Voltamos cedo para o hotel por causa da aclimatização. O povo cusquenho é bem acolhedor”.

(Simony Giuberti)

Sentimos a mudança de temperatura assim que descemos do avião. Em *Cusco* é possível sentir frio e calor em fração de minutos. Seguimos por alguns corredores em direção à saída do aeroporto até que nos deparamos com uma escada, o que logo nos fez pensar no temido “mal da montanha”, também conhecido como *soroche*.

O indesejado “mal da montanha” nada mais é do que um mal-estar que os visitantes que moram em cidades mais próximas ao nível do mar sentem em altitudes elevadas. Quanto maior a altitude, mais rarefeito é o ar, e pior nos sentimos. Em geral, a respiração fica mais rápida e os batimentos cardíacos aumentam enquanto o nosso corpo tenta se habituar às novas condições de clima. *Cusco* está há 3.400 metros acima do nível do mar. Por isso, recomenda-se que, ao chegar à cidade, o visitante evite fazer atividades que o deixe cansado, como o simples fato de subir

alguns degraus. Quem não segue essa recomendação corre o risco de perder as primeiras horas de diversão na cidade, já que aumentam as possibilidades de sentir falta de ar, tontura, enjoo e uma dor de cabeça tão forte que a pessoa não consegue fazer nada, senão ficar deitado.

A cada degrau que subíamos, a preocupação com o *soroche* era inevitável. Passamos pelo salão de embarque – que estava lotado, por sinal – e comentamos que deveríamos chegar mais cedo ao aeroporto quando chegasse o momento de voltarmos para Lima. Mas, ainda estava muito cedo para pensar na volta. Descemos uma rampa e chegamos ao salão de retirada das malas. Um ambiente bem diferente do que costuma-se encontrar em outros aeroportos mundo afora: era repleto de agências de turismo. Enquanto fui pegar as malas, Sy aproveitou para consultar os preços do pacote para *Machu Picchu*.

As bagagens, desta vez, chegaram sem nenhum problema. Assim que peguei as malas, fui ao encontro da Sy, que já tinha feito vários orçamentos àquele momento. A concorrência é tão grande entre as agências que, assim que o turista se aproxima, funcionários começam a chamá-lo, como se cada cliente fosse único. De fato, diante de tantas opções, um único cliente pode fazer toda a diferença.

Percebi que todas as agências disponibilizavam folhas de coca aos turistas. Estavam em recipientes abertos, bastava estender a mão, pegar a folhinha e experimentá-la. Mastigar, tomar um chá dela, ou chupar balas feitas com a folha de coca ajuda a aliviar o mal-estar provocado pela altitude. Mesmo assim, não dá para sair correndo logo nas primeiras horas nas montanhas.

É claro que minha curiosidade para experimentar a folha era grande. Peguei uma delas, bem pequena, e levei-a à boca. Confesso que não gostei do sabor amargo. Senti um adormecer na boca. Discretamente, joguei a folhinha ressecada na lixeira. Horas depois descobriria que o chá é bem mais saboroso.

Depois de passarmos por quase todas as agências do aeroporto, percebemos que os valores cobrados pelos pacotes turísticos variavam bastante. Enquanto Sy fazia um último orçamento, vi que algumas pessoas estavam lá fora, segurando placas com nomes escritos à mão.

- O que foi combinado com o pessoal do hotel? – perguntei-lhe

- Disseram que alguém ia nos encontrar aqui no aeroporto – ela respondeu-me.

Enquanto ela olhava os preços para a tão desejada visita à *Machu Picchu*, tive a ideia de dar uma olhada lá fora para ver se avistava nosso anfitrião. Vi que havia um senhor segurando uma plaquinha com o nome “Simone”. Na dúvida, fui lá falar com ele para certificar que não era outra pessoa. De forma bem simples, e com um sorriso no rosto, ele me disse que esperava “*brasileños*”, então tive certeza de que era nosso anfitrião. Pedi-lhe que aguardasse um instante e fui chamar a Sy na agência.

Naquele momento deixaríamos o aeroporto para começar a conhecer, de fato, a cidade. Entramos no carro do senhor *Saul Ochoa* e seguimos em direção à *Posada Inka Manco Capac*, no distrito de *Wanchaq*, em *Cusco*. Muito simpático e atencioso, ele puxou assunto:

- De onde vocês são? - perguntou em espanhol.